



Esta prática busca alienar a população a respeito do trabalho atualmente desenvolvido pela empresa, além de desprezar toda a história de referência e modelo dos Correios, afinal de contas, a verdade dos fatos não alimenta a narrativa que vem sendo empregada.

Para Maria Inês, há muito ainda a ser feito para melhorar a vida dos brasileiros. Por que não, ao invés de privatizar, transformar os Correios numa valiosa ferramenta para que o próprio Governo possa levar seus serviços para cada vez mais próximos dos cidadãos, facilitando suas vidas? A começar pelos serviços bancários, tendo em vista que a segurança pública tem proposta de reestruturação e de integração nacional como prioridade do atual governo (vide o Projeto de Lei Anticrime, já apresentado à Câmara Federal), além das perspectivas de retração na onda de assaltos que tornou inviável a prestação dos serviços bancários nos pequenos municípios. Desta forma, seria possível, num futuro breve, ampliar a rede que atende esses serviços, favorecendo as economias dos pequenos municípios e a vida dos cidadãos e comerciantes locais.

Natan Benevides, presidente do núcleo da ADCAP DF, acrescenta que os interessados em privatizar os Correios espalham a mentira de que a empresa teve prejuízo econômico nos últimos anos. A verdade é que em 2018 a empresa registrou lucro de R\$ 161 milhões e de R\$ 667,3 milhões em 2017, apesar da crise enfrentada pelo Brasil.

“Se a empresa acumulou prejuízos entre 2013 e 2016, é preciso lembrar que nesse mesmo período, cerca de 6 bilhões de reais foram retirados dos cofres dos Correios pela União”, afirma Natan. Ele enfatiza ainda que argumentos favoráveis à medida desconsideram que os Correios sejam uma empresa independente financeiramente. “São um dos poucos serviços prestados pelo Estado que chegam a quase todos os 5.570 municípios brasileiros, conforme princípio constitucional da universalidade”.

A verdade é que há mais de 350 anos, a empresa é a única responsável pelo Serviço Postal e também responsável pela integração nacional. O que poucos também sabem é que o monopólio do serviço postal é essencial para que os Correios consigam atender todas as regiões, garantindo a universalização do serviço postal.

Caso a empresa venha mesmo a ser privatizada, a tendência é que o custo do serviço postal aumente. Emerson Marinho, da FENFECT (Federação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Correios e Telégrafos e Similares) explica que o preço que os Correios praticam acaba regulamentando o mercado. Funcionário dos Correios há 27 anos, Emerson lembra que já passou por diversos governos e que nunca houve grandes mudanças. “O que sofremos hoje é por conta do contingenciamento, o que prejudicou demais a imagem da empresa, já que perdemos pessoal qualificado e investimentos deixaram de ser feitos”.

Sobre o déficit do POSTALIS, uma das razões alegadas para tentar justificar a intenção de privatização, José Aparecido Gandara, Presidente da FINDECT (Federação Interestadual dos Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras dos Correios), pondera que “nós devolvemos o dinheiro da Petrobras para os EUA. Agora é hora de o Brasil cobrar os 9 bilhões de reais do Postalís que o BNY Mellon dos EUA nos devem.” Gandara se refere ao valor levantado pelo Ministério Público Federal, como prejuízo imputado ao POSTALIS por aplicações cuja administração fiduciária estava a cargo do banco BNY Mellon.

Mais uma vez, cabe lembrar que, para várias pessoas, os Correios são a única alternativa para envio de documentos, encomendas e recebimento de contas. Devido ao seu alcance, os Correios ajudam na prestação de serviços financeiros e na inclusão bancária de milhões de brasileiros que vivem em localidades carentes e que não precisam mais se deslocar a cidades vizinhas para fazer operações bancárias.

O fantasma de um apagão postal

Para Jesuíno de Carvalho Caffé Filho, presidente da FAACO (Federação dos Aposentados, Aposentáveis e Pensionistas dos Correios e Telégrafos), a privatização pode se transformar num problema sem tamanho. “Os Correios são uma empresa que atende a todos os municípios do país, sendo que apenas 300 agências dão lucro. Quem acredita que as demais agências permanecerão, caso a empresa venha a ser privatizada? Existem municípios que nem agências bancárias têm e são os Correios que fazem as vezes de banco”, argumenta.